

POR QUE ENSINAR GÊNERO NAS ESCOLAS DO RECIFE

Fábia Cristina Mendes Barbosa

Secretaria da Mulher do Recife, fabinhbarbosa@hotmail.com

Resumo:

Sabemos que a escola é um espaço carregado de signos e marcas, tendo assim significações afetivas e culturais. Sendo esse lugar de formação de opinião em que meninas e meninos aprendem a expressar sua opinião através do aprendizado adquirido em sala de aula. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo refletir a respeito da desigualdade de gênero presente na escola e propor alternativas para supera-las. Tomamos como partida o mapeamento dos relatórios das educadoras sociais das situações de relações de igualdade de gênero nas oficinas do Programa Maria da Penha vai à Escola da Secretaria da Mulher da Prefeitura do Recife, desenvolvidas nas turmas do 3º ao 9º ano das escolas da rede municipal da cidade do Recife nos anos de 2015 o qual buscamos destacar algumas desigualdades atribuídas aos sexos femininos e masculinos e suas implicações para o aprendizado de meninas e meninos. Entendemos que se faz necessário trazer uma reflexão sobre a segregação entre os gêneros de meninas e meninos que muitas das vezes são estimuladas pelas atividades escolares através das brincadeiras, atividades físicas e trabalho em grupo, promovendo assim relações desiguais entre meninas e meninos. Este artigo aponta possibilidades de uma educação igualitária para os gêneros, sendo necessária a desconstrução de estereótipos desde a infância para que essas crianças e adolescentes tenham condições plenas de desenvolverem seus potenciais.

Palavras-chave: Escola, Gênero, Igualdade de Gênero.

Introdução

Compreende-se que a escola é o principal veículo de conhecimento e o espaço favorável para que a/o estudante possa se desenvolver, construir sua sensibilidade, trabalhar a emoção e autoexpressão. Todavia, percebe-se também que este mesmo espaço acaba apenas transmitindo e impondo conteúdos muitas vezes desvinculados do dia-a-dia dos seus estudantes. Duarte (1996, p. 36) destaca que “impõe-se uma visão de mundo e transmitem-se conhecimentos desvinculados das experiências de vida.” Observando por esta ótica e desconstruindo esta lógica, percebe-se então que é necessária a inclusão de práticas que possam vir a contribuir no processo de aprendizagem, fazendo com que a/o estudante se sinta inserido no contexto sociocultural e parte integrante deste meio.

Sabemos que a escola é um local para debatermos as questões de gênero, destacando que gênero é uma construção social, o qual nos é ensinado desde quando nascemos, a partir da escolha do enxoval em que a mãe precisa saber do sexo para escolher entre o rosa e o azul, e isso vai sendo naturalizado em todos os ambientes sociais. Louro (2000) ressalta que a escola através dos símbolos e códigos institui modos de ação e produção, assim alimenta a desigualdade de gênero, informando o lugar de meninas e meninos.

Carvalho (2013, p. 65) destaca que “a escola é simultaneamente reprodutora e transformadora das diferenças de gênero devido às contradições que nela ocorrem e às que ela própria introduz”. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo refletir a respeito da desigualdade de gênero presente na escola e propor alternativas para supera-las.

Segundo dados da Plan Brasil que realizou uma entrevista com meninas de 6 a 14 anos em 2014, verificaram que a desigualdade entre meninas e meninos começa em casa, onde 81,4% arrumam a própria cama, 76,8% lavam a louça e 65,6% limpam a casa, enquanto 11,6% dos seus irmãos arruma a própria cama, 12,5% lavam a louça e 11,4% limpam a casa. E no contexto escolar vemos essas diferenças em diversas atividades, nas brincadeiras, onde meninas só brincam de casinha e boneca, sendo princesas, tendo estojos e bolsas rosa, por que rosa é uma cor de menina, enquanto os meninos brincam de carrinho, futebol, super herói e são brutos por que menino não chora. Diante dessas diferenças, cabe-nos as seguintes indagações:

- Por que meninas e meninos não tem uma educação igualitária no âmbito escolar?
- Quais os benefícios em ensinar gênero na escola?

Essas indagações serão respondidas por situações observadas nas oficinas do Programa Maria da Penha vai à Escola da Secretaria da Mulher da Prefeitura do Recife, desenvolvidas nas turmas do 3º ao 9º ano das escolas da rede municipal da cidade do Recife nos anos de 2015 o qual buscamos destacar algumas desigualdades atribuídas aos sexos femininos e masculinos e suas implicações para o aprendizado de meninas e meninos.

Destacando que o gênero que pretendemos enfatizar está ligado diretamente à história de luta das mulheres que alguns setores da nossa sociedade têm falado muito, menos no ambiente escolar, o local apropriado para compreendermos e desconstruirmos grande parte dos problemas e dificuldades que as meninas e mulheres enfrentam no trabalho, na vida pública, na reprodução e na família (GOUVEIA, 1999).

Entendemos que se faz necessário trazer uma reflexão sobre a segregação entre os gêneros de meninas e meninos que muitas das vezes são estimuladas pelas atividades escolares através das brincadeiras, atividades físicas e trabalho em grupo, promovendo assim relações desiguais entre meninas e meninos.

Este artigo aponta possibilidades de uma educação igualitária para os gêneros, sendo necessária a desconstrução de estereótipos desde a infância para que essas crianças e adolescentes tenham condições plenas de desenvolverem seus potenciais.

Conceituação de Gênero

Sabemos que Gênero é definido como o sexo socialmente construído, o qual é tratado de um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que a sociedade elabora continuamente, a partir das diferenças biológicas, anátomo-fisiológicas. Contudo a sociedade com seus mecanismos de comunicação, linguagens, imagens, papéis, família, escola, religião e o Estado através das leis, vão formando homens e mulheres com comportamentos masculino e feminino bem definidos, mostrando assim o conceito de gênero que é trabalhado na sociedade.

Desse modo, Gênero tem vários conceitos, no dicionário Aurélio está classificado do seguinte formato:

SM. 1. Agrupamentos de indivíduos, objetos, etc. que tenham características comuns. 2. Classe, ordem, qualidade. 3. Modo, estilo. 4. Antrop. A forma como se manifesta social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. 5. Biol. Reunião de espécies. 6. Gram. Categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro. (FERREIRA. 2008, p. 430 e 431).

Diante desse significado podemos verificar que a palavra gênero pode ser vista de varias formas. No Glossário (2009) “são relações de poder em que o princípio masculino é tomado como parâmetro universal em posição e hierarquia”. (BARBOSA & ANDRADE. 2016 Apud GLOSSÁRIO, 2009).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 21) o conceito de gênero diz “respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos”. Enquanto para Gouveia e Carmuça (1999):

O conceito de gênero implica em uma relação, isto é, nas nossas sociedades o feminino e masculino tem mais valor. Assim, as relações de gênero produzem uma distribuição desigual de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, de acordo com o seu sexo. É por isso que se diz que as relações são relações de poder (GOUVEIA apud CAMURÇA. 1999, p. 12).

Sabemos que o gênero é uma construção social, ele não se apresenta sempre da mesma forma em todos os conceitos, pois depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, variando de acordo com as leis, as religiões, a maneira de organizar a vida familiar, a vida política de cada povo ao longo da história, mas esses costumes provocam relações desiguais entre homens e mulheres.

Relações de Igualdade de Gênero nas Escolas: Programa Maria da Penha vai à Escola

Destacamos através dos conceitos de gênero diversos significados, em que as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres não devem ser desprezadas, mas as

diferenças sociais e de classes são construídas a partir das relações entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens. E todas essas relações criam várias desigualdades fazendo com que algumas/alguns tenham mais poder sobre outros, sejam mais importantes e respeitados na sociedade.

Essas relações de gênero são destacadas na educação através das falas e em jogos de crianças nas escolas, onde as meninas são chamadas atenção para sentar, falar baixo, além de levar bonecas e utensílios de cozinha, os meninos são agressivos, e nas brincadeiras desempenham o papel de heróis fortes e invencíveis. Nenhum momento é exercido atividades igualitárias para meninas e meninos (MONTSERRAT, 2003).

Louro (1997, p. 61) chama atenção para “o modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que “passara pelos bancos escolares””. Diante disso, vemos que a escola reproduz comportamentos desiguais, onde meninas e meninos se separam para os trabalhos em grupos, os desempenhos nas diferentes disciplinas, dentre outras tarefas didáticas que são ensinadas.

A Prefeitura do Recife, através da Secretaria da Mulher do Recife, verificou que as escolas municipais não trabalhavam atividades igualitárias, a partir da campanha de prevenção no Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra as Mulheres, cuja mesma fomentava uma educação não sexista, que garanta o desenvolvimento de uma cultura de igualdade entre homens e mulheres a partir da infância, surgiu o do Programa Maria da Penha vai à Escola (BRASIL. 2013).

O Programa Maria da Penha vai à Escola tem como objetivo construir um ambiente escolar onde meninas e meninos de diferentes identidades valorizem as diferenças e construam a igualdade. Destacando que o Programa começou a funcionar nas escolas da rede municipal de Recife em 2014, tendo uma abordagem voltada para uma educação não sexista, do enfrentamento da violência contra as mulheres, desenvolvida a partir da perspectiva de gênero e beneficiando professoras e crianças do 3º ao 9º ano das escolas municipais.

O Programa espera transpor a educação exercida nas escolas na busca de construir uma educação não sexista, em que meninos e meninas sejam educados/as como seres humanos, como um todo, assumindo suas características afetivas, sensoriais e cognitivas, independente do sexo, objetivando a desconstrução da cultura do patriarcado e a igualdade de gênero.

A proposta metodológica do Programa é construtivista tendo como base os estudos de Freire (1999), ressaltando que a aprendizagem na escola consiste no processo de estruturação

de saberes norteado por um espaço de reflexão, assim valorizando os conhecimentos prévios das crianças para debates de questões atuais como o combate a prática machista e valorizando a igualdade entre meninos e meninas, assim como combater a violência contra as mulheres.

A execução do Programa ocorre da seguinte maneira: as gestoras das escolas aderem o Programa, a coordenação pedagógica do Programa articula as turmas do 3º ao 9º ano para participarem das oficinas, destacando que as temáticas são: Noções de Cidadania, Igualdade de Gênero e Lei Maria da Penha, as quais são trabalhadas em sala de aula pelas educadoras sociais, que realizam através de atividades lúdicas pedagógicas, focadas na troca de informações através de vídeos; confecção de fanzines e cartazes; revista coquetel do Maria da Penha vai à Escola e também os jogos digitais.

Nesse contexto criativo e prazeroso as crianças vão expondo suas ideias acerca das temáticas, sendo tudo debatido numa linguagem acessível, adequada à capacidade e assimilação dos participantes (crianças e professoras). E ao fechamento das oficinas temos uma culminância onde as crianças junto com as professoras apresentam o aprendizado adquirido em forma de poemas, teatros, cordel, paródias entre outros.

Desse modo, vemos que o Programa Maria da Penha vai à Escola está bem fundamentado na área educacional e destaca a importância de se trabalhar as relações de igualdade de gênero, em que meninas e meninos têm direitos iguais, conforme garante a Constituição Federal CF/1988), assim como outros instrumentos legais tais como: LDBEN (1996); PCN'S (1998); Lei Maria da Penha – Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006, Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra a Mulher do Município do Recife 2013 – 2016 e o Decreto 28.980 de 29 de julho de 2015 que regulamenta o funcionamento do Programa Maria da Penha vai à Escola nas escolas da rede municipal da cidade do Recife.

Todos esses instrumentos legais possibilita que o Programa Maria da Penha vai à Escola realizem atividades e debates de igualdade de gênero e da Lei Maria da Penha, oportunizando uma reflexão sobre o machismo o qual nos é ensinado, e quando retratamos as relações de desigualdade de gênero vemos o quanto meninas e meninos estão distantes de realizar essa igualdade.

Metodologia

O método de investigação para realizar o artigo constituiu-se a partir do mapeamento, da leitura e análise dos relatórios elaborados pelas educadoras sociais das situações de relações de igualdade de gênero em 57 escolas da rede municipal da cidade do Recife, participantes do Programa Maria da Penha vai à Escola no ano de 2015.

Na parte da leitura dos relatórios foram coletadas as informações da realização das oficinas de Igualdade de gênero, nos turnos da manhã e tarde, em turmas do 3º ao 5º ano, tendo participação das professoras e professores. Desse modo, buscamos destacar algumas desigualdades atribuídas aos sexos femininos e masculinos e suas implicações para o aprendizado de meninas e meninos.

Resultados e Discussão

Em relação ao primeiro questionamento verificamos através do número de meninas e meninos atendidos pelo Programa Maria da Penha vai Escola, foram um total de 2.687, sendo 1.294 meninas e 1.393 meninos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental e o gráfico 1 mostra essa discrepância quando vemos que temos mais meninos nas escolas, por esses números já está claro que meninas e meninos não tem direitos iguais.

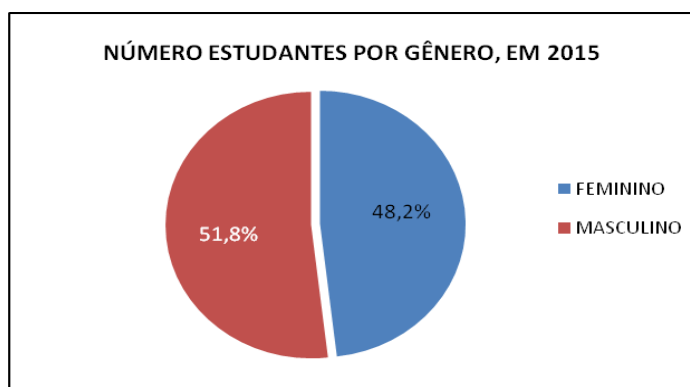


Gráfico 1

Na oficina de Igualdade de Gênero, que trata das diferenças construídas culturalmente entre homens e mulheres e que geram preconceitos e ideias machistas sobre o papel de homens e mulheres na sociedade. Para debater esse tema foi exibido o vídeo *O sonho impossível?* (8min17seg) - vídeo produzido pela ONU em 1983, filme de animação que apresenta uma situação sem dúvida familiar para muitos: a mulher que trabalha fora e ainda tem de fazer tudo em casa sozinha. As educadoras sociais fizeram os seguintes questionamentos: O que é ser menina ou menino?

Tabela 1 – O que é ser menina ou ser menino?	
MENINA	MENINO
Andar sempre bem arrumada	Andar largado
Ajuda a mãe nas tarefas de casa	Não ajuda em casa
Cuida dos irmãos pequenos	Fica na rua
Não sair pra rua	Joga o lixo fora

Brinca de boneca e de casinha

Brinca de bola e vídeo game

Essa tabela 1 foi respondida por todos os participantes desta oficina, onde as falas mais trazidas pelas meninas e meninos foram essas. Outro ponto importante nesta tabela é as crianças são de 8 à 12 anos, e trazem consigo falas bem machistas os quais foram detectadas a partir do vídeo.

Quando as educadoras sociais questionaram sobre a divisão de tarefas domésticas ser coisa de menina ou coisa de menino? Tivemos uma representatividade e tanto das meninas sobre papéis desempenhados para mulheres, pois muitas afirmaram que sim tarefa da mulher cuidar dos afazeres domésticos.

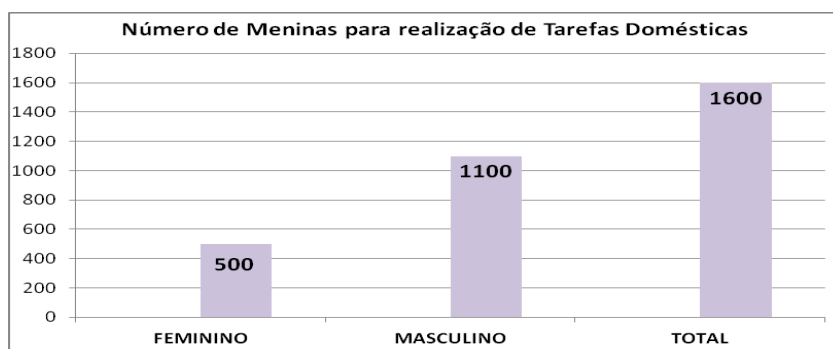


Gráfico 2

Diante desse gráfico 2 vemos claramente a desigualdade de gênero que meninas e meninos tem sobre a realização das tarefas domésticas, tivemos 54% dos meninos afirmando que as atividades deve ser realizadas pelas meninas, ou seja, reforçado o machismo e como se fosse direitos só delas e não deles.

Diante do exposto, as educadoras sociais, aproveitaram o ensejo para uma reflexão sobre os afazeres domésticos, em que todas e todos que vivem na casa devem contribuir para manter o espaço organizado, limpo e assim como a distribuição de tarefas devem ser feitas por igual, assim proporcionando um direito igualitário para todas e todos, sem sobrecarregar ninguém.

As educadoras sociais questionaram sobre o âmbito escolar, quais as brincadeiras de meninas e de meninos na escola:

Tabela 2 – Brincadeiras de Meninas e Meninos na Escola	
MENINA	MENINO
De boneca	Jogar bolar
Casinha	Jogar videogame
Professora	De luta

Jogar bola	Correr
Ficar só olhando pra não se machucar	Carrinho

A tabela 2 mostra as brincadeiras mais trazidas pelas crianças conforme o relatório das educadoras, as quais nos fez analisar que jogar bola é coisa de menina e menino, mas para as meninas ela vem como 4 lugar nas brincadeiras, esse interesse não vem em primeiro como para os meninos devido a falta de incentivo por parte das/os professores que estão nas escolas.

Sabemos que nas escolas temos mais meninos que meninas, sendo um espaço ocupado por meninos, os mesmo se acham dono deste lugar, e as meninas acabam aceitando tudo que eles querem, por isso é importante que as professoras saibam as questões de gênero para que possa ser trabalhada de forma igualitária para todas e todos.

Para o segundo questionamento, verificamos que após a oficina de Igualdade de Gênero as meninas, meninos e professoras ficam empoderadas sobre seus direitos. Assim observamos que há vários benefícios em trabalhar gênero na escola, conforme mostra a tabela 3, cujos foram relatados pelas/os alunas/os e professores/as.

Tabela 3 – Benefícios de Trabalhar Gênero na Escola
São responsáveis pelos cuidados do ambiente que vive (meninas e meninos/homens e mulheres)
Entende que as tarefas domésticas são contribuições de todas e todos que vive na casa
Todas e todos têm direitos de jogar bola no ambiente escolar
Realizar tarefas em conjunto (meninas e meninos)
Que todas as cores podem ser usadas por meninas e meninos
Que não existe profissão para menina e menino
Que as meninas não são objetos para serem agredidas ou abusadas
Que não é papel da menina fazer as tarefas de casa dos meninos
Meninos podem chorar e devem mostrar seus sentimentos
Prevenimos contra a violência doméstica

Aqui trouxemos alguns relatos de professoras e crianças que falam dos benefícios de ensinar gênero na escola da cidade do Recife.

Professora da Escola M. da Guabiraba, relatou que *“(...) que as mulheres deram sua contribuição, já que muitas criaram e que os homens têm menos obrigações do que as mulheres. Nesta questão temos que desconstruir o que está construído. Por isso que tenho minha crítica em relação ao movimento feminista, por só trabalhar com as mulheres. Outro dia numa formação da educação e tinha apenas um professor e 90 por cento era professora*

então a facilitadora só se referia “professoras”, então o mesmo se colocou alegando que merecia ser tratado como “professor” e gerou um debate sobre gênero. Essa questão de trabalhar gênero com criança está começando agora”. – sic Relatório das Educadoras.

Professora da Escola M. Profº Orlando Parahym “a professora endossou a importância deles e delas aprenderem sobre a igualdade de gênero e reproduzirem no cotidiano esse comportamento de respeito e de se colocar no lugar do/a outro/a.” – sic Relatório das Educadoras.

As crianças relatam:

“agora eu entendo que meninas e meninos podem fazer as mesmas coisas, mas que pena que não aprendemos isso desde cedo, então a gente acha que tudo deve ser feito só por nos meninas” – Aluna da Escola M. São Francisco – Sic Relatório das Educadoras

“eu agora já ajudo minha mãe em casa, depois da oficina de semana passada, onde vir o vídeo que o homem não fazia nada, observei que eu precisava ajudar minha mãe em casa, assim eu posso ser um bom marido” – Aluno da Escola M. Sítio do Berardo – Sic Relatório das Educadoras

Diante desses resultados, percebemos que ensinar gênero na escola é desconstruir o machismo nos meninos e nas meninas, possibilitando novas formas de comportamento com visão de direitos iguais, em que meninas e meninos podem desempenhar todas as funções numa sociedade tão patriarcal.

Conclusões

Concluimos que trabalhar gênero na escola é reproduzir novos valores e atitudes, além de estereótipos e preconceitos. Com isso, a escola não só recria em seu interior preconceitos de gênero como também prepara garotas/mulheres para posições mais competitivas no mercado de trabalho, bem como estimula garotos/homens para assumir funções de provedores de cuidado.

Sabemos que a escola precisa saber trabalhar essas relações de forma que as/os alunas/os aprendam que homens e mulheres são diferentes biologicamente, nas relações sociais devem ser tratadas de forma igual. E para condução desse trabalho a postura do professor é fundamental, pois ele é o mediador do aprendizado, e verificamos que as questões de gênero ainda é um tabu para o professorado, e ao orientar essa discussão, deve ele próprio respeitar a opinião de todos e todas alunas/os e o mesmo tempo garantir o respeito e participação de todos/as.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirma que:

A discussão sobre as relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e aponta para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero (BRASIL. 1998, p. 144).

A citação acima vem nos mostrar o quanto é importante debater as relações de gênero na escola, pois sabemos o quanto é importante desconstruir o machismo que está enraizado nos homens e as mulheres acaba praticando por não terem conhecimento dos seus direitos, e quando esse assunto é trabalhado na escola, vemos a possibilidade educar uma sociedade igualitária nos seus direitos.

O Programa Maria da Penha vai à Escola tem uma contribuição e tanto para essas transformações nas escolas da cidade do Recife, cuja função é levar cada vez mais informação sobre as desigualdades de gêneros que é ensinada diariamente para meninas e meninos, assim desconstruímos o machismo e combatemos a violência doméstica contra as mulheres.

É importante que cada educando desenvolva as suas potencialidades e adote posturas pessoais e comportamentos sociais construtivos, colaborando para a construção de uma sociedade socialmente justa. Para isso são necessários professores/as preparados e motivados a desenvolver um trabalho na perspectiva de Gênero.

Referências

BARBOSA, Fábica Cristina Mendes e ANDRADE, Helisangela. **Gênero na Prática: Uma educação não-sexista nas escolas**. Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em:

[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500209751_ARQUIVO_Genero naPratica_umaeducacaonaosexistanasescolas_artigomodificacoes.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500209751_ARQUIVO_Genero%20naPratica_umaeducacaonaosexistanasescolas_artigomodificacoes.pdf)

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 2001.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 23 dez. 1996a, p. 27894. Disponível em: <www.senado.gov.br/legbras>.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm>.

_____. **Lei Maria da Penha nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

_____. **Decreto 28.980 de 29 de julho de 2015**. Regulamenta o Programa Maria da Penha vai à Escola. Diário Oficial da Prefeitura do Recife. Nº 065. Recife, 2015.

_____. **Decreto 27.854 de 32 de março de 2014**. Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra a Mulher do Município do Recife 2013-2016. Diário Oficial da Prefeitura do Recife. Nº 36. Recife, 2013.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **O que essa história tem haver com as relações de gênero?** Problematizando o gênero e o currículo na formação docente. In: CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa (Org.). **Gênero e educação: múltiplas faces**. João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, p. 55-76, 2003.

DUARTE, N. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7ª Ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GOUVEIA, Taciane e CAMURÇA, Silva. **O Que é Gênero?** Caderno SOS Corpo. 2ªed. Recife, 1999.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997